

Suplemento Cultural

“Vias do Infinito Ser”, de Rubenio Marcelo, e a valorização da literatura sul-mato-grossense

RAQUEL NAVEIRA – Escritora, professora, mestre em Comunicação e Letras e vice-presidente da ASL

Há alguns anos, deparamo-nos com uma notícia alarmante: retiraram a disciplina Literatura do currículo das escolas de Ensino Médio. Como assim? A literatura, produto da imaginação, forma de arte, a poderosa arte da palavra, fora das salas de aula? Perdeu seu prestígio histórico e cultural? Os gêneros literários, os autores, os estilos de época, os livros que marcaram o seu tempo evaporaram? Não fazia mais sentido para a contemporaneidade o desenvolvimento da ficção, o resultado da intuição de cada escritor através dos tempos? O dom da expressão passara a ser apenas retórico, pretexto para o ensino gramatical? Não interessaria mais à própria substância da alma e da vida em geral?

Técnicos da educação alegaram que Língua Portuguesa englobaria tudo: gramática e literatura, leitura e escrita, desde as primeiras séries, com ênfase na formação do leitor. O professor de hoje, muitas vezes especialista em determinada área (Literatura, Linguística, Redação e Interpretação de Textos, Filologia, Gramática), estaria preparado para oferecer, em menor carga horária, noções de todas essas nuances, com didática, domínio de conteúdos e conhecimentos? Diante de uma medida como essa, como ficaria a capacitação do profissional de Letras? Quais seriam as estratégias? Embora soubéssemos que, de um lado, haveria professores que transmitiriam o amor pela literatura, que aceitariam desafios no meio do caos e, do outro, alunos com interesse e dom criador, a notícia de que a disciplina Literatura não possuía mais ementa própria, o seu status de ciência, chocou escritores e profes-



“VIAS DO INFINITO SER”. Livro de Rubenio Marcelo foi indicado para o vestibular UFMS 2020/1

sores apaixonados pelo seu ofício.

E quanto à valorização da literatura de nossa região nas escolas? MS é um estado novo, desmembrado do Mato Grosso em 11 de outubro de 1977 e elevado à categoria de Estado em 1º de janeiro de 1979. De povoamento recente, participou de episódios da política nacional, fatos que estão no pensamento de seus homens e de sua Literatura. A análise dos acontecimentos e aspectos literários do Estado é fundamental para nossa formação cultural. É um fenômeno de criação artística que se processou e se processa ainda na gênese de nossa sociedade. É a valorização da terra através de uma visão literária. O início da década de 70 assistiu a um surto de interesse pela cultura do então sul de Mato Grosso. Em Campo Grande, o escritor corumbaense, Ulisses Serra, lançou obra de alta expressão literária, o livro de crônicas “Camalotes e Guavirais”, e – com José Couto Pontes e Germano Barros de Sousa – fundou, em 30 de outubro de 1971, a Academia de Letras e História de Campo Grande, atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Qual não foi nossa grata surpresa

ao vermos agora o livro de poemas “Vias do Infinito Ser”, de Rubenio Marcelo – membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, escritor com várias obras publicadas – na lista dos livros de 2020/1 a serem objeto de estudo dos vestibulandos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), ao lado de autores como Cecília Meireles, Guimarães Rosa e Lima Barreto.

Esse belo e bem cuidado livro traz uma fortuna crítica invejável, com apresentação do prof. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, em que ele afirma que os poemas representam “um amálgama que vem chamando a atenção para o ofício de mestre do verso que Rubenio Marcelo entretete em laboriosas criações de imagens poéticas, provocativas figuras metafóricas, e em apurados exercícios de sensibilidade”. E que substancial o prefácio do saudoso prof. José Fernandes, que assim conclui: “Resta-nos parabenizar o poeta Rubenio Marcelo por nos brindar com uma poesia física e metafísica, marcada por imagens que transitam entre o real e o imaginário, entre o concreto e o abstrato, porque sorvida nas ‘Vias do infinito ser’”. Na seção “O Autor e a Crítica” temos ainda críticas de nomes como Soares Feitosa, José Pedro Frazão, Eduardo Mahon, Astênio Fernandes, Ildeides Muller, Cristina Campos, Davi Gonçalves, Elizabeth Fonseca, Alcir dos Anjos, Geraldo Ramon Pereira, Edmir Bezerra, Ivone Macieski, Rubens Shirassu Júnior, Cristino Vidal Benavente, Benny Franklin, Maria Petronilha, Teresa Vinciguerra, Cezar Benevides, Lourdes Ávila, e o posfácio “Vida e Luz nos Versos de Rubenio Marcelo”, de Olga Maria Castrillon Mendes. Na orelha, palavras de Antonio Carlos Secchin, Gilberto Mendonça Teles e Henrique de Medeiros. Tudo isso

“

‘Vias do Infinito Ser’ [...] na lista dos livros de 2020/1 a serem objeto de estudo dos vestibulandos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)”

comprovando outra característica de Rubenio: a troca de experiências, leituras, a capacidade de dialogar com intelectuais do Brasil e de outros países.

Sobre esse livro escrevi: “Rubenio Marcelo, com coragem, percorre vias de infinito, de essência, de sobrenatural. Vias de dúvidas, de certezas, de dores e êxtases. Para essa tarefa espiritual, vê-se ‘entre a cruz e a encruzilhada das palavras’, bifurcações de caminhos e escolhas estéticas e existenciais. Consegue tirar ‘deleite das pedras’, enquanto imprime seus passos sobre elas, sempre identificado com a natureza, afinal, sua voz de homem-pássaro vem do sul de Mato Grosso e das clareiras do Pantanal. Como a figura do oroboro, símbolo de eterno retorno representado por uma serpente ou dragão que morde a própria cauda num ciclo de evolução sobre si mesmo, movimento e continuidade, o poeta em combate registra ‘a cauda que açoitava a serpente’. O filósofo em seu lirismo tem sempre a esperança de que ainda haja tempo de não se morrer sem luz, sem epifania de versos, sem incensos perfumados e partilha generosamente conosco o prato fino de sua poesia”.

A literatura prova assim sua resistência, sua renovação, sua permanência. Parabenizamos: o autor, Rubenio Marcelo, pelo reconhecimento dado ao seu trabalho de décadas de dedicação à Poesia, a UFMS e os estudantes. É muito bom ver a Academia na Academia!

POESIAS

As três virtudes

Há uma origem comum
De tudo o que existe no mundo
Desde os astros perdidos no infinito
Aos pequeninos seres
Dos abismos mais profundos.
E o homem
Apesar de mortal
Traz em si
O mistério da força universal.
Três virtudes o tornam diferente
E o aproximam do seu Criador:
A FÉ – a ESPERANÇA
E a CARIDADE, isto é, o AMOR.
Elas são representadas:
A Fé – por uma cruz,
A Esperança – uma âncora
E a Caridade – um coração.
O Coração de Jesus.

Oliva Enciso – foi membro da ASL

Escrevendo

Há tanto tempo não escrevo um verso
Que até supunha andar por outras vidas,
Que meu sonho de poeta estava imerso
No silêncio das coisas esquecidas.
Que as desbotadas páginas perdidas
Do velho livro no passado adverso
Estavam mortas; vendo-as renascidas,
Pressinto o olhar em lágrimas imerso.
Fique gravada neste seu caderno
– Já que ser poeta é ter um sonho eterno –
A eternidade do meu poema, amiga.
Porém, só vejo nesta última prova,
Em cada rima uma tristeza nova...
Em cada verso uma saudade antiga.

Altevir Alencar – pertence à ASL

Prelúdio da palavra

dormi como uma pedra
e acordei como um poema...

[e da minha alada tristeza
não deixei

pena
sobre
pena]

com a pedra que tirei do sapato
amolei as faces
da palavra andarilha...

– sorri poesia!

Rubenio Marcelo – pertence à ASL
(secretário-geral)

Biografia

Nasci no estio da menopausa.
O destino se abriu qual veio.
Não tinha o azul do seu.
Era escuro qual um breu.

Levei pisa.
Só não fiquei inclinado.
Da infância carrego a Rua Padre Paulo
feito pedra dando pulo.

Órfão. De felicidade partida ao meio,
se pudesse, fazia de todo um bis.
Se não posso, armo numa metástase
a poesia de meu nome e vou rolando.
Procuro-o! Não sei onde vai o opus.

Cheio de melancolia, no azedo da bílis,
me lanço ao mundo, sonhando um ex-libris.

Orlando A. Batista – membro da ASL

Eu e o tempo

ILEIDES MULLER – membro da ASL

Desde os primeiros dias do compulsório isolamento minha agenda social se esvaziou e uma nova rotina se instalou. Ando contemplativa, reflexiva... Agora, numa breve incursão pela casa, dou de cara com o tempo rindo da minha cara... Ah, o tempo! Ele que sempre me provocava e de mim se escondia, veio morar comigo, está mais compassivo, acorda tarde, não mais me apura como sempre fazia, senta-se à mesa e se acha no direito de planejar o meu dia. Ficamos amigos até.

Agora, ele me deixa estudar, cozinhar, organizar, plantar, ler, escrever e, sobretudo, meditar. Agora consigo contemplar as belezas na natureza que antes eu nem enxergava porque ele não deixava. Agora o tempo encontrou um jeito de acordar os livros adormecidos e até pendura poemas nos varais das redes sociais. Mas sinto falta do calor humano, das reuniões, das comemorações, do som do riso, das vozes ao vivo e dos olhares que se entrelaçam numa roda de amizade. Bem que o tempo podia dar um jeito de amenizar a saudade! Ah, isso ele não faz!

Frutas com sabor de infância

HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA – pertenceu à ASL

Num sete de setembro inesquecível, estávamos em Cuiabá para as comemorações do aniversário de fundação da gloriosa ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS. Dirigindo com segurança, apanhou-nos no hotel Lenine Póvoas, (grande figura da Política e da Cultura cuiabana), e que ziguezagueou pela imensa metrópole da Capital Verde para nos mostrar a espantosa mudança da cidade. Conduziu-nos, depois, ao reino encantado das mansões residenciais. E foi um cascatear de deslumbramento. Casas belíssimas e de variadas linhas arquitetônicas.

Na parte moderna, a impressão que se tem, hoje, de Cuiabá é a de que, depois de uma gigantesca explosão atômica, do solo cuiabano brotaram dezenas e dezenas de prédios de 15, 20, 30 andares ao longo da Avenida Rubens Mendonça. Não só ao longo, mas por todos os lados! Desapareceram os velhos prédios implodidos indiscriminadamente pelo impiedoso e avassalador progresso! Sobrou pouco! Até o lendário córrego da Prainha foi canalizado e sepultado num comprido caixão de cimento armado...

Ante a visão exuberante da cidade, entre desolados e perplexos, exclamamos, numa imitação da frase de M. Roland, ao pé da guilhotina:

- Oh, progresso! Quantos crimes se cometem em seu nome!

Depois dos volteios automobilísticos, o automóvel estacionou junto a uma espaçosa residência da Rua

Miguel Seror, defendida por grossas grades de ferro e portão eletrônico. Ali residia o casal amigo – Clóvis Pitaluga de Moura e Thaís, que nos recebeu com muito carinho. E, em seguida, depois dos abraços amigos, o papo estalejou tumultuado e gostoso, todos falando, poucos escutando... Em dado momento, o assunto recaiu sobre os tempos da infância. Os protestos foram unânimes.

- Ali em baixo (e apontou mais adiante uma depressão do terreno), ali em baixo era cabeceira de um córrego. Por ali, outrora, no terreno molhado, a garotada se fartava de frutas silvestres, nas diferentes épocas. E virando-se para o companheiro de lado:

- Você se lembra, Lenine, do mar-melo de espinho, do ariticum?
- Lembro-me sim.
- E o seputá, e a pitomba? – indagou Lenine, arregalando os olhos – Que gostosura!

- E a “coroa de frade”? – interpelou por sua vez Clóvis Pitaluga, cuja fisionomia, naquele instante, assumiu ares de um garoto de 10 anos de idade.

- Melhor que a “coroa de frade” (contra-atacou Lenine) era o sapoti. – E a carambola? E o jatobá? Quantas vezes eu me engasguei com aquele pó dourado, que envolve o caroço.

Nesse instante, uma voz se fez ouvir: – E o veludo, e o araçá? – perguntou Thaís.

- A fruta mais bacana, a fruta mais nobre, que hoje se tornou rara – sentenciou Arassuahy – era a lima-de-umbigo.

- Ah, a lima-de-umbigo! – exclamaram todos num só coro, inclusive o Heliophar, que

até então permanecera calado.

- O seu sumo queimava a pele como ácido. Para se defender do sumo cáustico, a gente esfregava o bagaço nas mãos e nos pulsos, lembrou o médico Clóvis.

- Certa vez eu fui a São Paulo – recordou Arassuahy – e procurei no Quartel General o Comandante Cel. Plínio Pitaluga, cuiabano, como eu.

- É meu primo, por sinal – interrompeu Clóvis.

- É isso mesmo, seu primo. Mandei-lhe um recado nos seguintes termos: “Diga ao Cel. Pitaluga que aqui está um cuiabano com um presente cuiabano”.

Quando ele surgiu no salão, e depois do abraço, entreguei-lhe o embrulho.

- Que é isso? – indagou o Coronel, meio resabiado.

- Abra! – respondi.

O Cel. Pitaluga abriu o pacote e não conteve sua surpresa:

- Lima-de-umbigo, meu Deus!!! Há muitos anos que não via lima-de-umbigo! Vou chupá-las com prazer e, ao final, esfregarei o bagaço nas mãos e nos pulsos, como nos idos tempos de criança.

Nesse instante, trazendo-nos de volta ao presente, a TV na outra sala repetia a reportagem sobre a trágica morte da Princesa Diana, e pela sala toda ecoou a voz de Elton John, cantando a nova versão do seu sucesso – “CANDLE IN THE WIND”.

“ADEUS ROSA DA INGLATERRA. DE UM PAÍS PERDIDO SEM A SUA ALEGRIA. OS SEUS PASSOS SERÃO SEMPRE SENTIDOS NOS VERDES PRADOS DA INGLATERRA”.